

124  
DEZ 1999

R\$ 2,00



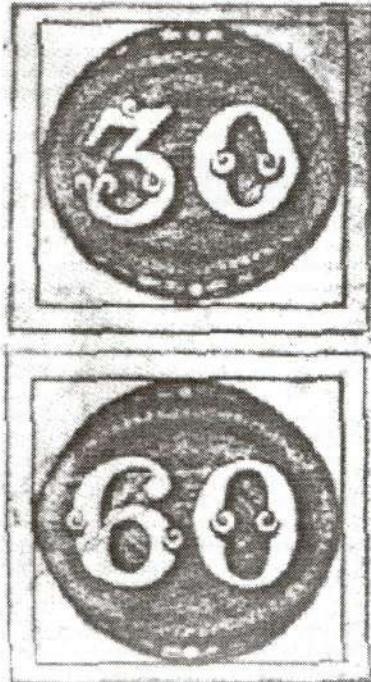
## XIFÓPAGOS

Existem na Filatelia clássica duas peças das mais famosas que são denominadas *xifópagos*. Têm esse nome por se tratarem de dois selos *Olhos-de-Boi*, de 30 e 60 réis, que se encontram unidos. É que na época do lançamento desses primeiros selos brasileiros, eles eram impressos numa única folha em três valores diferentes – 30, 60 e 90 réis –, na quantidade de 18 selos para cada valor, e, como o corte das peças era feito manualmente, acredita-se que possa ter havido mesmo a intenção de deixar duas peças de valores diferentes juntas.

São dois os *xifópagos* conhecidos no mundo: um está no Brasil e o outro nos Estados Unidos. O *xifópago* que está no Brasil foi comprado pela primeira vez pela Casa Philatélica J. Dolz, a primeira de São Paulo, em 1917. O Sr. Heitor Sanchez, proprietário da casa filatélica, teve de pedir emprestado 200 mil réis para efetuar a compra e, depois, mandar o conjunto de selos para a Inglaterra, para ser restaurado, já que uma quarta parte sua estava deteriorada. De volta, um "T" estampado no verso da peça confirmava a sua restauração.

Mais tarde, o grande colecionador Arnaldo Morais Pedroso comprou-a e meses depois, quando se viu em dificuldades financeiras, voltou à Casa Philatélica para vender toda a sua coleção de Brasil Império, inclusive o *xifópago*.

Muitos outros colecionadores apareceram para comprar a cobiçada peça e, assim, o Sr. Sanchez, com o propósito de ser imparcial e não



melindrar os seus fregueses, resolveu organizar um leilão do tipo europeu, com catálogo e tudo. Foi o primeiro leilão do gênero realizado no Brasil, ao qual compareceram 12 pessoas. Nesse leilão, quem comprou a peça foi um engenheiro da Siemens, Sr. Bucker, que arrematou o *xifópago* para o Sr. Luis Moraes Jr., Cônsul Honorário do Haiti no Rio

de Janeiro, pela quantia de um conto de réis – na época, uma considerável quantia. Afinal, o cônsul era um filatelista clássico e pretendia enriquecer ainda mais a sua coleção de todos os primeiros selos do mundo.

Em seguida, o *xifópago* foi adquirido ao Cônsul por Ivo Ferreira da Costa, que, junto com sua coleção, vendeu-o a Maurino de Araújo Ferreira, de Belo Horizonte, um dos maiores filatelistas do mundo. Para sua felicidade, somente a presença da peça em sua coleção já a predispõe ao merecimento dos mais cobiçados prêmios internacionais oferecidos nas exposições filatélicas, pois ganha, em princípio, 25 pontos a mais no julgamento.

O *xifópago* que está nos Estados Unidos é conhecido com o nome de "*Pack Strip*", apresentando, junto com o selo de 60 réis, mais dois de 30 réis.

*N.E. – Com a devida autorização do autor, completamos este artigo, anteriormente publicado no JORNAT (julho/81), com as seguintes informações: Segundo o sr. Paulo Comelli, em artigo intitulado "O Xifópago muda de mãos", publicado na revista MOSAICO, nº 20, julho/97, a histórica peça foi vendida em leilão, em agosto/97, pela empresa inglesa Antônio Torres a um comprador não identificado. Também, segundo o mesmo artigo, a referida peça teria sido adquirida pelo sr. Rolf Harald Meyer ao sr. Luiz Moraes Jr. e em seguida vendida ao Dr. Ivo Ferreira da Costa.*

novidades de  
todo o mundo

Confira as últimas novidades!



## VEJA NESTA EDIÇÃO

- Anúncios Econômicos ..... pág. 7 a 10
- Conversando ..... pág. 2
- Estudando Telecartofilia ..... pág. 4
- Filigrana e Papel ..... pág. 6
- Novidades de Todo o Mundo ..... pág. 3
- Numismática ..... pág. 6
- Perfins ..... pág. 11









# FILIGRANA E PAPEL

**Mário Branco**

"Netinha".

**PAPEL** – Quando o colecionador passa a atentar para as várias características do papel para classificá-lo corretamente já pode se considerar um estágio avançado e nunca mais se separará da Filatelia.

O papel apresenta dezenas de variedades, algumas muito características e outras que diferenciam com dificuldade, exigindo prática e paciência para uma conclusão certa. Os sub-tipos, produtos de fabricação precária, às vezes trazem dificuldade. Seria de grande valor que os clubes tivessem uma comissão de estudos para dirimir essas dificuldades; lamentavelmente, alguns clubes têm se transformado em centro de comercialização filatélica, descurando dessas providências.

Apenas citaremos alguns dados a procurar no papel, pois a sua descrição detalhada importa num trabalho especializado. Assim, temos a espessura, que é um dado muito importante e que varia do papel película, de 30 micra, até os cartonados, de 150 ou mais micra. A textura, ou disposição ou orientação das fibras que formam a massa do papel, que se mostra irregulares nos papéis rugosos e nos fofos, indo até os de fibras invisíveis, como nos papéis compactos. Trama – as marcas produzidas pela compressão do papel ainda úmido, variam em intensidade, por ter sentido indefinido, ser de constatação muito difícil ou, ao contrário, ser facilmente verificável, de desenho regular, como ocorre com o 80 réis da Série "Vovó". Outras marcas, como o Costelado, o granulado etc. São bastante curiosas. Superfície – apresenta uma série de aspectos diferentes, influenciados pelo preparo que o papel sofre e lhe dá características distintas, assim o gessado, o meio gessado, o acetinado etc.; esse preparo tem influência sobre a cor do papel, que vai do extremamente branco, do gessado, até o palha ou, mesmo acimentado.

Os elementos que aqui citamos, que na primeira impressão parecem tornar a Filatelia muito complicada, após bem memorizados e com alguma experiência, tornam-na muito inerente e até deliciosa.

FILIGRANA, também conhecida como marca d'água, é distintiva para muitos papéis e serve como característica principal para muitas emissões. É o segundo fator mais chamativo para os colecionadores que já cuidam de examinar seus selos.

Muitas filigranas são de fácil identificação, outras, ao contrário, exigem um exame mais apurado, não só por não serem menos marcantes, como por terem a visibilidade prejudicada pelo tipo do papel, pelo tipo do desenho ou mesmo a cor, que as escamoteiam. Exemplo evidente é o de 10.000 réis das séries "Netinha", que sempre mostra a filigrana com muita dificuldade.

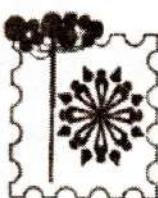
Na impossibilidade de um exame direto, deve ser usado o Filigranoscópio. Esse é uma pequena cuba de ebonite, de 10 x 5 cm., na qual o selo é depositado com a efígie para baixo. Em geral só o fundo preto da cubinha já permite identificar a filigrana. Caso não se consiga, usa-se benzina retificada, pingando-se umas poucas gotas ao lado do selo que, por capilaridade, penetrará sob ele, tornando a filigrana bem visível. O hábito de se lançar uma grande quantidade de benzina, fazendo o selo flutuar, é menos eficiente pois, ao afastá-lo do fundo preto, irá diminuir o contraste.

Identificada a filigrana, deverão ser anotadas as principais características; dentre essas, a direção ou sentido da legenda, que pode ser horizontal ou verti-

cal, o que às vezes é importante por caracterizar algumas emissões: no Padrão 1920-1941, vemos a filigrana "Casa da Moeda" horizontal nas emissões de 1921/22 e 1924/26, a seguir aparece no sentido vertical na emissão de 1926/27 volta à horizontal em 1928 e novamente vertical em 28/29; complementa-se a identificação atentando-se par ao denteado e outras características do papel.

Na filigrana "Estados Unidos do Brasil", de letras grandes, os selos que a apresentam em posição horizontal formam a primeira série, de três valores e em papel fino e os de filigrana vertical formam a segunda série, em papel médio espesso. Há outras posições, como as chamadas normal direta, normal contraposta, invertida direta, invertida contraposta, caracterizadas apenas pela posição das letras na legenda, dependente do modo que a folha foi impressa ou anteriormente marcada pela filigrana, não oferecem valor classificatório, mas como curiosidade interessam aos perfeccionistas.

Ainda o tamanho e as variedades de forma das letras das legendas podem caracterizar papéis diferentes. No Padrão 1941/55, o tamanho das letras da filigrana "Brasil-estrela-Correio", que são três e, principalmente, na chamada "Casa-mais", vemos grande variedade de forma e tamanho que, relacionada aos vários tipos de papel, possibilita um estudo especial dessa filigrana no Padrão cognominado



**Filatélica Caiobá Ltda.**

*Selos do Brasil e Universais para Coleção - Material Filatélico  
Atendemos Mancolistas – Enviamos Lista de Preços*

**Solicite nossa Lista de Preços**

Rua Mal. Deodoro 51 Conj. 1606B Curitiba -PR CEP 80.020-905  
Caixa Postal 5931 CEP 80011-970 Fone/Fax: (041) 323-1471  
e-mail: filatelicacaioba@super.com.br











(2ª parte)

Alfred Neumann

### III - Como Colecionar Perfins?

Sempre que se propõe colecionar selos, seja em geral, de um país ou de um tema específico atendendo aí o seu interesse, o filatrista apesar de sua individualidade e gosto que devem ser respeitados, gosta de basear-se num catálogo que oriente e facilite o seu trabalho e até permita o intercâmbio com outros aficionados.

O mesmo acontece com o "perfinsfilista".

Os catálogos tradicionais à disposição dos colecionadores como Yvert, Scott e Michel trazem poucas informações sobre perfurações, limitando-se às oficiais ou especiais e não sobre as comerciais, visto serem estas particulares.

O assunto tão palpitante dos perfins, granjeando sempre mais adeptos, fez surgir em diversos países associações específicas, verdadeiros "grupos de trabalho e estudo" que organizaram e estão aperfeiçoando catálogos, colocando os colecionadores em condições de "trabalhar" com o seu material.

Algumas dessas associações são muito ativas, têm sócios espalhados pelo mundo, além dos catálogos editam revistas e folhetos pedem e aceitam sugestões e colaboração e mantém assim os associados ao corrente de novas informações.

Destacam-se neste setor:

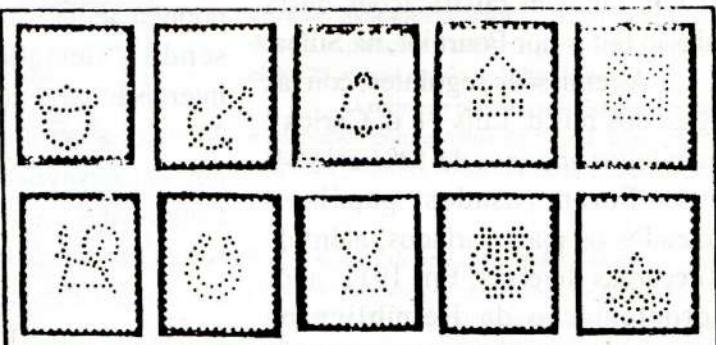
- The Perfins Club (USA)
- Perfins Club Nederland (HOLANDA)
- ARGE Firmen Lochungen – Arbeit Gemeinschaft Firmen Lochungen (Grupo de Trabalho – Alemanha)
- ANCOPER – Association Nationale des Collectionneurs de Timbres Perforés (França)
- Perfins Society (Inglaterra) e certamente muitas outras.

Nos catálogos que essas associações organizaram e editam aparece a preocupação em detalhar todas as informações disponíveis para facilitar a classificação de cada exemplar. Essas informações incluem de uma forma geralmente adotada: a) as letras do perfins arranjadas em ordem alfabética; b) códigos que detalham a altura das letras em milímetros, espaçamento e número de furos; c) nome da empresa, localidade e época do uso da perfuração, sempre que devidamente comprovado.

Os catálogos variam um pouco na sua apresentação, sendo uns mais e outros menos completos. Para destacar a ilustração de perfins em preto sobre fundo branco ou ao contrário em branco sobre fundo preto, no verso e anverso, trazem também a indicação das posições já identificadas e outras particularidades. De um modo geral, deixam espaço para correções ou informações suplementares e sempre sugerem que os sócios se manifestem ao descobrirem algo novo...

Para montar uma coleção de perfins, o filatrista tem várias opções: pode fazer uma coleção geral do mundo todo, incluindo aí peças como envelopes, inteiros, cartões etc, que ficaria vastíssima;

Pode decidir-se por um país em particular ou mesmo por um tema como ferrovias, música, bancos, jornais ou outro do seu interesse. O universo, nesse aspecto é muito amplo.



A montagem de uma coleção de perfins obedece naturalmente ao critério que se adotou. Em classificadores, a montagem facilita a "locomoção" das peças, acrescentando ou mudando. Em álbuns impressos, no estilo dos tradicionais, a montagem é inviável.

### IV – Valor

Quanto vale um selo perfurado? Aqui divergem muito os colecionadores. Enquanto uns ainda os deixam de lado taxando-os de estragados ou simples curiosidade, o interesse recente pelo assunto levou a uma reformulação do conceito de valor.

Assim, além do valor intrínseco de selo, verificado pelos catálogos tradicionais, convém considerar o fator frequência da perfuração ou mesmo a sua originalidade, além do fator subjetivo que cada um pode atribuir à peça que possue.

Mesmo um perfins considerado difícil pode perder parte do seu "valor" se dele forem encontrados, com o correr do tempo, muitos exemplares.

Por enquanto, a maioria de catálogos de perfins do diferentes países não traz a cotação do valor em moeda e sim indica por código a frequência com que forem utilizados e assim temos: muito comuns, frequentes, pouco comuns e até difíceis. Esse critério demonstra que o colecionismo dos perfins está, felizmente, ainda na esfera da pesquisa e do lazer.

### Referências

- 1 – Kohl Handbuch – Vol. V – pág. 909
- 2 – The American Philatelist – Set. 1959 e Out. 1997
- 3 – Analyse von Firmenlochungen – Franz Hubner (Áustria 1955)
- 4 – L'Echo de la Timbrologie – Abril 1995
- 5 – Schweizer Briefmarken Zeitung – no. 2 \ 1997
- 6 – The Perfins Bulletin (publicação do The Perfins Club – USA)
- 7 – Lochungen (publicação do ARGE Lochungen – Alemanha)

N.E. – Publicada originalmente no Boletim da SPP e reproduzida com autorização do autor Sr. ALFRED NEUMANN, Caixa Postal 2.096, SÃO PAULO/SP, CEP: 01060-970 BRASIL.

